

Rede urbana e pequenas cidades no litoral do salgado paraense: uma abordagem a partir de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas – PA

Urban network and small cities on the coast of Salgado Paraense: an approach from Vigia, Marapanim and São João de Pirabas – PA

Red urbana y pequeñas ciudades em la costa no litoral del Salgado Paraense: um enfoque desde Vigia, Marapanim y São João de Pirabas – PA

Márcio Douglas Brito Amaral
Universidade Federal do Pará
marcioamaral29@gmail.com

Josenilson da Silva Melo
SEDUC-PA
jsmnilson@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a inserção das pequenas cidades do litoral do Salgado paraense na rede urbana regional e suas particularidades em relação à relação cidade-região na Amazônia litorânea. A pesquisa adota uma abordagem inovadora, considerando a relação das cidades com o mar na Amazônia e a difusão do meio técnico-científico e informacional no território. O estudo apresenta elementos empíricos a respeito das articulações/interações na rede urbana de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, indicando que as cidades mantêm relações predominantemente horizontais e solidárias. Os resultados preliminares sugerem que, no litoral do Salgado paraense, há o predomínio de espaços da contiguidade, permitindo conhecer melhor a região. O artigo contribui para a reflexão sobre as pequenas cidades do Salgado paraense e destaca a necessidade de compreender as particularidades regionais na análise da rede urbana. Além disso, chama a atenção para a importância de considerar a relação das cidades com o mar na Amazônia, ainda pouco explorada pela geografia. O estudo é estruturado em três momentos principais e busca compreender a relação das cidades com a região numa realidade marcada pela forte interação com o mar.

Palavras-chave: Pequenas cidades. Rede urbana. Amazônia. Litoral.

Abstract

This article aims to analyze the integration of small towns on the coast of Salgado Paraense into the regional urban network and their specificities in relation to the city-region relationship in the Amazon coastal area. The study adopts an innovative approach, considering the cities' relationship with the sea in the Amazon and the diffusion of technical-scientific and informational means in the territory. The study presents empirical elements on the interactions in the urban network of Vigia, Marapanim, and São João de Pirabas, indicating that the towns maintain predominantly horizontal and solidary relationships. Preliminary results suggest that, in the Salgado Paraense coastal area, there is a predominance of contiguity spaces, allowing a better understanding of the region. The article contributes to the reflection on small towns in Salgado Paraense and highlights the need to

understand the regional specificities in the analysis of the urban network. Additionally, it draws attention to the importance of considering the cities' relationship with the sea in the Amazon, still underexplored in geography. The study is structured in three main parts and aims to understand the relationship between the cities and the region in a reality marked by strong interaction with the sea.

Keywords: Small towns. Urban network. Amazon. Coast.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la inserción de las pequeñas ciudades en la red urbana regional y sus particularidades en relación con la relación ciudad-región en la Amazonia costera. La investigación adopta un enfoque innovador, considerando la relación de las ciudades con el mar en la Amazonia y la difusión del medio técnico-científico e informativo en el territorio. El estudio presenta elementos empíricos sobre las interacciones en la red urbana de Vigia, Marapanim y São João de Pirabas, indicando que las ciudades mantienen relaciones predominantemente horizontales y solidarias. Los resultados preliminares sugieren que, en la costa de Salgado Paraense, hay predominio de espacios de contigüidad, lo que permite conocer mejor la región. El artículo contribuye a la reflexión sobre las pequeñas ciudades de Salgado Paraense y destaca la necesidad de comprender las particularidades regionales en el análisis de la red urbana. Además, llama la atención sobre la importancia de considerar la relación de las ciudades con el mar en la Amazonia, aún poco explorada por la geografía. El estudio está estructurado en três momentos principales y tiene como objetivo comprender la relación de las ciudades con la región en una realidad marcada por la fuerte interacción con el mar.

Palabras clave: Pequeñas ciudades. Red urbana. Amazonia. Costa.

Introdução

A pesquisa teve como objetivo principal analisar a maneira como as pequenas cidades de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, localizadas no litoral do Salgado paraense, se inserem e são inseridas na rede urbana regional. Além disso, procura-se argumentar que essa porção da região ficou relativamente excluída dos grandes eventos que atingiram a Amazônia desde o período colonial, o que acabou contribuindo significativamente para formação de sua particularidade, expressa nas relações que a cidade estabelece com a região.

A análise adota como premissa a discussão acerca da diversidade territorial e urbana amazônica, acreditando que ela não tem sido objeto das investigações a respeito dessa região, de modo que os estudos estão muito mais centrados na análise da biodiversidade e/ou da sociodiversidade regional (TRINDADE JR., 2010). Além disso, traz como contribuição a reflexão sobre pequenas cidades do Salgado paraense, mostrando como se dá a relação entre cidade e região numa realidade da Amazônia litorânea, marcada pela forte interação com o mar.

Embora existam estudos a respeito da cidade ribeirinha na Amazônia, principalmente, destacando a relação da cidade com o rio (TRINDADE JR., SILVA, AMARAL, 2008), ainda são incipientes as pesquisas que abordam a relação da cidade com o mar, como parte da urbanização da região. Dessa forma, é que a presente pesquisa ganha relevo, pois, de um lado, adentra numa área

empírica ainda pouco explorada pela geografia (o litoral do Salgado paraense) e, por outro lado, investiga a natureza da rede urbana, a partir da relação da cidade com o mar na Amazônia.

A presença das pequenas cidades na rede urbana é um ponto chave para a análise, pois, como dito, a discussão está voltada para o Salgado paraense, região onde ocorre grande presença de cidades que não se projetam enquanto principais polarizações na rede urbana regional, cabendo dessa forma investigações acerca de suas naturezas. Além disso, a compreensão dos processos envolvendo-as no contexto de globalização têm sido estudadas a partir das mais diversas realidades do Brasil e da Amazônia (FRESCA, 1990; 2001; 2010; CORRÊA, 1999; OLIVEIRA, 2004; ENDLICH, 2006; SCHOR; OLIVEIRA, 2011; TRINDADE JR, 2010; 2013). Mesmo considerando o crescente envolvimento dos espaços à dinâmica econômica global, isso não ocorre de maneira igual nas diferentes formações socioespaciais e nos lugares. Além das diferenças de integração à divisão territorial do trabalho a partir das escalas é necessário visualizar essas diferenças do ponto de vista dos papéis e significados assumidos pelos lugares resultando em tipologias diversas, como aquela que envolve a das pequenas cidades.

Quanto a rede urbana, na atualidade, com o processo de globalização, Damiani (2006) destaca a possibilidade de uma multiplicidade de relações e/ou articulações entre as cidades de diferentes dimensões, o que provoca um rompimento com as antigas hierarquias urbanas, uma vez que “há elos financeiros de agentes financeiros internacionais e [em] toda e qualquer cidade” (DAMIANI, 2006, p. 136), promovendo relações diretas, sem intermediações fundadas na hierarquia, entre a cidade (seja qual for o seu tamanho) e a economia global.

No mesmo diapasão, Santos (2008) chega a falar em falência dos esquemas clássicos da geografia, que entendiam a rede urbana a partir de uma “abordagem piramidal e militar”, em que a hierarquia e a rigidez eram suas bases fundamentais. Ao mesmo tempo em que faz a crítica a essa perspectiva piramidal, Santos (2008) propõe um esquema diferente, que busca uma maior aproximação com a realidade atual, fundamentada na difusão do que denomina de meio técnico-científico e informacional no território. Nessa nova perspectiva, a exemplo de Damiani (2006), argumenta que a hierarquização e a rigidez devem ser revistas, pois com o desenvolvimento da tecnologia e da informação principalmente, passa a existir uma espécie de “curtos-circuitos” da cidade próxima, uma vez que é possível uma relação direta entre a esfera do lugar e áreas mais longínquas sem passar, necessariamente, por outras mediações.

Na contramão dessa assertiva, a realidade investigada nesta pesquisa mostrou que paralelamente a tendência global de constituição de uma “geração de cidades do meio técnico-científico e informacional”, na região do salgado paraense o que se verifica ainda, em grande medida, é a permanência de uma divisão territorial do trabalho pretérita, com formas-conteúdo

obsoletas e deficientes frente a modernização informacional do período atual. Ainda se verifica na região estudada, a forte presença de cidades regionais vinculadas às demandas e necessidades das populações locais, bem como relativamente marginais ao controle remoto exercido pelas metrópoles globais que usam de sistemas técnicos e políticos modernos para exercer o seu controle. Em síntese, pode-se dizer que no litoral do Salgado paraense há o predomínio de espaços da contiguidade, onde a horizontalidade e as solidariedades orgânicas ainda permitem conhecer a região.

Por fim, o artigo ficou estruturado em três momentos principais, além da introdução e da conclusão. No primeiro momento realiza-se uma breve discussão sobre três grandes eventos que promoveram, em seus contextos, uma modernização da Amazônia, mas que deixou o litoral do Salgado paraense marginalizado desse processo. No segundo momento procura-se apresentar alguns elementos – naturais, populacionais, fundiários e urbanos – que permitem identificar particularidades regionais do litoral do Salgado paraense. No terceiro e último momento, são apresentados elementos empíricos a respeito das articulações/interações na rede urbana de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas como expressões das particularidades dessas pequenas cidades dentro da região.

O litoral do Salgado paraense e seu papel “marginal” na formação territorial da Amazônia

A porção do litoral paraense, que é objeto de análise, compreende a antiga microrregião do Salgado, que vai desde o município de Colares a São João de Pirabas (Figura 01). Essa porção do litoral paraense é uma região de colonização europeia antiga. Quando do surgimento de Belém, em 1616, os contatos administrativos e o abastecimento do núcleo urbano ocorria a partir de São Luís, tomada pelos portugueses em 1615, entretanto a circulação era realizada a partir de uma rota de navegação oceânica, que se mostrava excessivamente dificultosa e perigosa, havia dessa maneira a necessidade de serem realizadas paradas ao longo das viagens para abastecimento e descanso, tais pontos se situavam ao longo da costa do Pará. Boa parte deles deu origem aos núcleos urbanos do Salgado paraense, tais como, São João de Pirabas, Salinópolis, Maracanã, Marapanim, Curuçá, São Caetano de Odivelas e Vigia (ÉGLER, 1961).

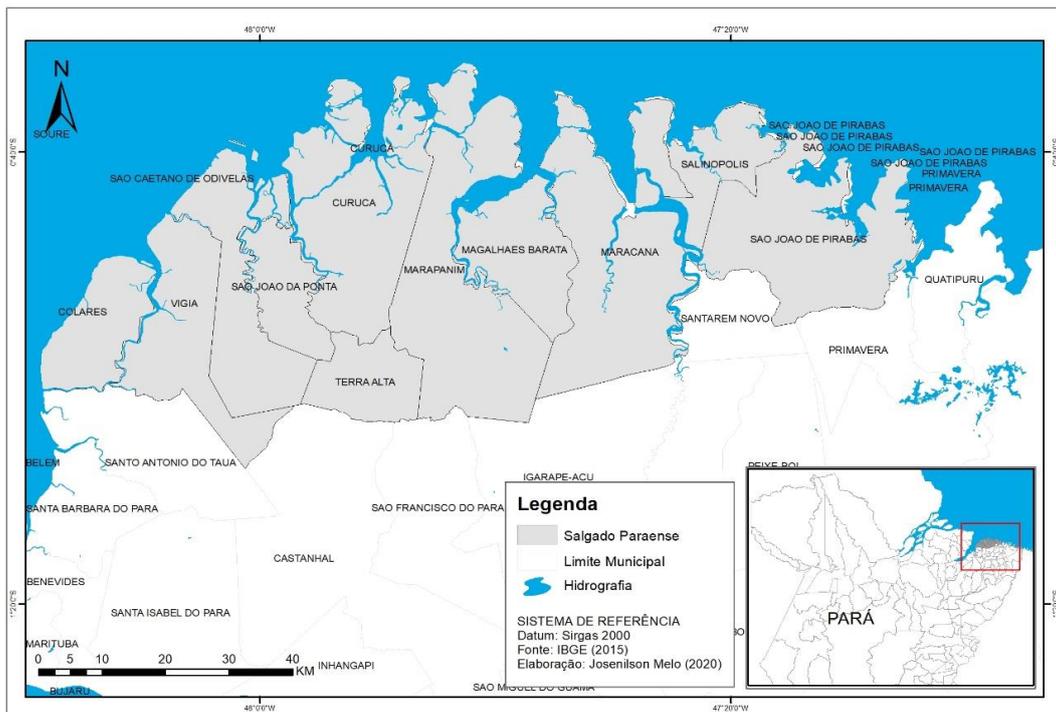


Figura 1 - Mapa de localização do Salgado Paraense e municípios
 Fonte: Josenilson da Silva Melo (2020)

Ao longo da história social da Amazônia as cidades e localidades do litoral paraense do Salgado foram marginalizadas no contexto dos projetos econômicos, destacamos três momentos de dinâmica econômica na Amazônia onde isso ocorreu, o primeiro deles foi com a criação da Companhia Geral do Grão-Pará (1755-1778) onde, com a criação dessa empresa monopolista no contexto do Brasil colônia os grupos religiosos, principalmente os jesuítas, que articulavam a produção nas vilas e localidades, dentre as quais as do litoral do Salgado, foram expulsos, isso resultou na desestruturação econômica desses espaços no litoral (BAENA, 1886), uma vez que o interesse da empresa recém criada estava voltado para o interior da região, ao longo dos principais rios na busca por especiarias, as drogas do sertão.

Outro momento de importante dinâmica econômica na Amazônia se deu com o *boom* da borracha no fim do século XIX e início do XX, tal atividade mobilizou a região, direta ou indiretamente, na produção. Com o crescimento urbano de Belém, a demanda para o seu abastecimento cresce e ocorre a necessidade de projetos de colonização agrícola, para reforçar esse projeto foi construída a Estrada de Ferro de Bragança (EFB) que deveria articular a região e escoar a produção para Belém. Dessa forma, ainda que o Nordeste paraense não tenha contribuído, significativamente de maneira direta na produção gomífera, foi importante para o abastecimento dos principais nós da embrionária rede urbana da Amazônia (CORRÊA, 1987), apesar disso, essas ações não alcançaram as localidades e cidades do litoral do Salgado, onde não houve a implantação

de colônias agrícolas importantes, além disso os ramais da EFB não alcançaram essas localidades, deixando-as isoladas e dependentes da navegação ou de estradas precárias que ligavam algumas localidades do litoral à estrada de ferro.

Por fim, destacamos o período de expansão da fronteira econômica e a consequente incorporação da Amazônia à dinâmica econômica nacional. Esse período, tradicionalmente compreendido a partir do fim da década de 1960 a meados de 1980 é marcado por grande diversidade histórico-geográfica, ou seja, atingindo a região de maneira desigual tanto no tempo quanto em seus espaços. Ainda que seja inegável que o litoral do Salgado tenha sido atingido pelas ações nesse período, principalmente por conta da expansão das rodovias, em especial a BR-010 (Belém-Brasília) que foi o principal vetor de (re)contextualização escalar de inserção dos espaços, essa porção da Amazônia não passou por profundas transformações do ponto de vista da urbanização do território, como ocorrera no Sul-Sudeste do Pará, por exemplo.

Deve-se ressaltar, porém, antes de finalizar essa parte do trabalho, que embora essas cidades do litoral do Salgado paraense tenham ficado marginais às grandes dinâmicas econômicas que transformaram a Amazônia e o Pará, isso não significa dizer que elas não tiveram uma participação, ainda que precária. Além disso, é fundamental destacar que num contexto mais recente essas cidades do salgado têm passado por grandes alterações nessa trajetória histórica de marginalização, seja pela presença de atividades turísticasⁱ e de segunda residência para população da região metropolitana de Belém, mas também pela chegada de um capital mais voltado às atividades de pesca industrial, principalmente, em Vigia e São João de Pirabas.

Particularidades do litoral do Salgado Paraense

O fato de o Salgado paraense ter permanecido relativamente marginalizado dos grandes eventos que transformaram a região – a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, o *boom* da borracha e a expansão da fronteira econômica –, fez com que essa região apresente algumas particularidades que serão aqui destacadas.

Os municípios dessa microrregião estão em contato direto com a costa de mar aberto e costa estuarinaⁱⁱ, com exceção de Terra Alta. Dessa forma, a interação dos grupos humanos que aí existem, com as áreas ecológicas específicas dessa região, ajudou a criar e cria particularidades no modo de vida das populações (LOUREIRO, 1983). O Salgado é recortado por “reentrâncias” que são formadas a partir das baías fluvio-estuarinas que por sua vez formam um litoral de falsas rias, onde os seus vales fluviais são afogados (EL-ROBRINI et al., 2006), dessa forma, esses municípios se veem inseridos em duas realidades que os dotam de uma particularidade única que é sofrer influência tanto das dinâmicas da costa, quanto das dinâmicas dos rios.

Essas reentrâncias apresentam ricas comunidades bióticas responsáveis pela formação de um grande sistema de manguezais ao longo da costa – devem-se considerar ainda outros aspectos que influenciam e contribuem para essa formação biológicaⁱⁱⁱ. Ao longo da costa, tanto no Salgado quanto na Bragantina, existem diversas comunidades e sujeitos que dependem desse ecossistema para a reprodução de sua existência através do extrativismo, de diversas espécies, tanto de animais quanto de vegetais. Ainda que os ecossistemas de manguezais sejam de propriedade da união a sua apropriação local, em geral é mediada por relações de territorialidades bem delimitadas e estabelecidas pelos grupos locais que vão produzindo suas territorialidades nos manguezais (OLIVEIRA; MANESCHY, 2014).

Essa região possui grande expressão na produção de pescado no estado do Pará^{iv}, que por sua vez, é uma das unidades da federação com melhores desempenhos na comercialização do pescado em âmbito nacional (BRASIL, 2012). Por mais que seja difícil realizar a mensuração estatística dessa atividade, dado seu caráter de informalidade e ausência de registros contábeis confiáveis, pode-se dizer que a atividade envolve grande número de pessoas nos mais diferentes momentos de sua produção e se expressa nas relações, nas formas e estruturas dos espaços, tanto urbano quanto rurais. Dessa forma, para compreender a importância da atividade pesqueira no litoral paraense, não basta entender esta região como privilegiada por estar localizada nas transições da dinâmica fluvial para a marítima, contribuindo para grande diversidade de espécies de pescado, mas deve-se levar em conta a importância dessa atividade para as populações locais, bem mais do que apenas recurso econômico, mas carregado de significados e conteúdos espaciais, manifestos nas dimensões culturais, religiosas e de sociabilidades.

Destaca-se também no litoral do Salgado paraense a forte presença de enraizamento de sua população. Olhando os dados populacionais do IBGE (2010) é possível verificar que a porcentagem da população natural do próprio município era a seguinte, em 2010, Vigia 78,26%, Marapanim 77,57% e São João de Pirabas 78,43%. Essa particularidade demonstra algumas implicações da maneira como o Salgado se insere na história social da Amazônia, pois seguindo uma constituição particular de inserção precária nos principais processos econômicos regionais essa região não passou por grandes transformações e nem recebeu grandes levas de populações de outras regiões nas décadas recentes. Como indicado, anteriormente, tal contexto está diretamente relacionado a maneira descrita dos movimentos econômicos hegemônicos na Amazônia, onde o litoral do Salgado paraense permanece latente nos processos que se desenrolam nas escalas maiores, mas nem por isso esvaziado de vida e relações, ao contrário, se constituindo de forte enraizamento cultural na região, presente, por exemplo, em manifestações culturais como o carimbó e a marujada, e em atividades de natureza extrativa.

Quanto a estrutura fundiária, o litoral do Salgado paraense se caracteriza pela relevante presença de minifúndios e pequenas propriedades rurais, fato também observado com intensidade na microrregião bragantina. Quando se observa os imóveis rurais cadastrados no SICAR, em 2018, é possível perceber que a microrregião do Salgado possui uma menor manifestação de concentração de terras, pois o número de propriedades com extensão relativamente grande não aparece nessa microrregião, mesmo na mesorregião do nordeste paraense como um todo, da qual o Salgado faz parte, há uma forte presença de minifúndios.

No que tange a rede urbana do litoral do Salgado paraense, deve-se entendê-la dentro do contexto de estruturação regional na qual está inserida a região e onde as interações espaciais a partir das hierarquias revelam as dinâmicas existentes no contexto atual. Nessa porção da Amazônia o papel de cidades como Vigia, Curuçá, Marapanim e Salinópolis são importantes do ponto de vista da ofertas de bens e serviços para cidades menores – como São João da Ponta, Magalhães Barata, Colares, São Caetano de Odivelas e Terra Alta – entretanto, se veem ainda muito subordinadas, tanto aos principais nós da rede urbana do Nordeste Paraense, principalmente Castanhal e Capanema, e, de forma secundária, Igarapé-Açu, quanto da grande influência da dispersão dos fluxos metropolitanos, o que acaba resultando numa hierarquia clara dentro da rede.

Apesar disso, é importante considerar não apenas os aspectos de hierarquia, mas também de complementariedade, observadas – através de dados preliminares na presente pesquisa – nas relações entre Marapanim e Curuçá; e Salinópolis e São João de Pirabas, onde é possível verificar relacionamentos urbanos importantes. O caso de Vigia com Colares e São Caetano de Odivelas^v demonstra muito mais influência a partir da primeira, o que não significa a inexistência de fluxos contrários. Além das relações de complementariedade se faz fundamental a compreensão das interações interescares, buscando superar a ideia da estruturação hierárquica da rede urbana, mas considerando também as heterarquias (CATELAN, 2012), ou seja, as possibilidades de interações espaciais não limitadas às áreas de influência e/ou subordinação das redes de cidades próximas.

Algumas particularidades do litoral do Salgado paraense, que foram destacadas, apenas encontram significado na compreensão de sua formação socioespacial e que, por sua vez, permite entender a própria dinâmica da rede urbana no contexto da reprodução ampliada. A maneira particular como o litoral do Salgado se constitui, entretanto, nos permite refletir e questionar a respeito de possibilidades de alternativas que se apresentam para pensar um outro tipo de articulação entre as cidades, onde a dimensão da contiguidade e das horizontalidades nos permitam considerar a constituição ativa de solidariedades orgânicas nas articulações desses espaços e entre eles.

A rede urbana no litoral do Salgado paraense: Vigia, Marapanim e São João de Pirabas.

A particular constituição social do litoral do Salgado paraense e a própria configuração de “solidariedades orgânicas” que se prolongam e se manifestam nessa porção da Amazônia se expressa em diversos aspectos, alguns dos quais, considerados cruciais para expressar parte da diversidade da urbanização na Amazônia a partir de pequenas cidades. Neste sentido, considerando como objeto empírico de análise as dinâmicas urbanas de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, destaca-se as particularidades que esses espaços compartilham, porém, evidenciando, também, as singularidades que são expressões da própria diversidade urbana que se constitui no litoral do Salgado, ou seja, a compreensão da diversidade urbana dessa região passa pela necessidade de apreender não apenas os aspectos particulares do litoral do Salgado, mas também os conteúdos urbanos que os constitui.

Seguindo esse caminho, foi realizada uma breve indicação a respeito das interações espaciais das cidades do litoral do Salgado paraense, buscaremos a partir de então retomar esse raciocínio, pensando mais de perto as articulações na rede urbana de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas como expressões das particularidades dessas pequenas cidades. Segundo Fresca (2001) as pequenas cidades apenas podem ser entendidas a partir de sua contextualização urbano-regional, ou seja, só é possível compreender uma pequena cidade levando em conta a sua inserção na rede urbana. A perspectiva adotada pela autora se dá no sentido de evitar equívocos como a simples consideração do tamanho físico e populacional bem como a ideia de que as pequenas cidades apenas fornecem bens e serviços para a sua restrita área de influência, dessa maneira, importa levar em conta que ao considerarmos uma pequena cidade a partir de sua inserção na rede urbana, devemos considerar também os diferentes contextos urbano-regionais que são desiguais, com isso uma pequena cidade não se explica em si mesma, mas apenas na consideração de seu aspecto relacional na rede urbana.

É nesse sentido que se busca identificar as interações espaciais de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, para isso elegendo alguns dados que permitam verificar suas relações na rede urbana onde estão inseridas. Um dado importante para essa identificação refere-se aos deslocamentos para *trabalho principal e escola e creche*, contidos nos microdados do censo de 2010 do IBGE, aqui utilizados para tentar identificar a centralidade que essas pequenas cidades possuem no sentido de se constituírem em destinos de outros espaços na rede urbana. Outro dado fundamental de interação na rede é a existência de empresas com sedes em Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, mas que estão presentes em outras cidades da região, obtidos por meio da presença de empresas ativas na Junta Comercial do Estado do Pará (JUCEPA) em 2019, e que permitem revelar as relações empresariais existentes e a centralidade dessas cidades através do comando, por

se constituírem nas sedes. Por fim, outro dado relevante para pesquisa foram os financiamentos buscados pelos produtores rurais desses municípios no Banco da Amazônia (BASA), nos últimos anos, onde as agências procuradas para a realização das operações estão localizadas em importantes nós da rede urbana regional evidenciando, assim, de que forma as pequenas cidades se inserem nas relações de hierarquia da rede, conforme já indicado anteriormente no trabalho.

Tal como Ribeiro (2017) adotou-se o Índice de Intensidade do Deslocamento Temporário por Trabalho (IIDTT) e o mesmo índice para estudo (IIDTE) com o intuito de verificar de maneira comparativa a intensidade dos relacionamentos entre os municípios, pois, verificar apenas do ponto de vista dos deslocamentos absolutos pode resultar em armadilhas nas interpretações, nesse sentido o grau de intensidade é observado pela divisão do número de pessoas que se deslocaram pela população do município de origem do deslocamento, multiplicado por 1000. Dessa forma, parte-se dos fluxos para escola e creche.

Quadro 1- Fluxos absolutos para escola e creche e IIDTE para Vigia, Marapanim e São João de Pirabas 2010.

Destino Origem	Vigia		Marapanim		São João de Pirabas	
	Fluxo	IIDTE	Fluxo	IIDTE	Fluxo	IIDTE
Colares	55	4,83	-	-	-	-
Curuçá	-	-	487	14,2	-	-
Magalhães Barata	-	-	22	2,7	-	-
São Caetano de Odivelas	119	7,04	-	-	-	-

Fonte: IBGE 2010

Elaboração: Autores.

O que se observa nos deslocamentos para escola e creche em direção a Vigia, Marapanim e São João de Pirabas é o pequeno número de fluxos de outros municípios em direção a essas cidades. Enquanto Vigia e Marapanim possuem apenas duas origens municipais distintas, São João de Pirabas não é destino de nenhum fluxo de fora de seu município, o que ocorre na verdade é a sua grande dependência em relação a Salinópolis, importante cidade do litoral do Salgado. A origem dos fluxos é proveniente dos municípios também do litoral do Salgado, evidenciando certa relação entre eles.

O caso de Marapanim é interessante, pois o IIDTE com origem de Curuçá é expressivo (14,2), apesar de ambos os municípios ofertarem ensino público fundamental e médio, a

proximidade de vilas e comunidades de Curuçá com a cidade de Marapanim e seus distritos é importante para a interpretação desses deslocamentos, levando em conta principalmente que a PA-318 que corta vilas e comunidades de Curuçá as liga diretamente a sede municipal de Marapanim, enquanto que o acesso dessas comunidades a sede de Curuçá necessita ainda do deslocamento para a PA-136 para atingir seu espaço urbano. Além disso, os deslocamentos de Magalhães Barata à Marapanim possuem relações antigas, onde aquele fazia parte deste último município possuindo, assim, importantes relacionamentos como a comunidade do Cafezal, importante espaço de habitação do município de Magalhães Barata que se articula muito fortemente com a cidade de Marapanim através de embarcações, aliado ao fator precariedade na oferta de ensino de Magalhães Barata, inexistindo o ensino médio de forma regular.

Os deslocamentos para Vigia se dão pelos municípios de Colares (4,83) e São Caetano de Odivelas (7,04), este último e sua articulação com Vigia não é novidade, pois esta relação é identificada inclusive no estudo das Regiões de Influências das Cidades (REGIC, 2008) e é com tal município que se estabelece uma intensidade de fluxos mais forte, nessa variável, as articulações de Colares com Vigia também são importantes na análise, pois a localização de Colares não favorece maiores articulações na região, do ponto de vista terrestre, onde encontra em Vigia importante nó da rede urbana, principalmente considerando as vilas daquele município que possuem acessos importantes pelos rios até a cidade de Vigia.

Os deslocamentos para trabalho principal, entretanto, conferem a São João de Pirabas alguma participação na atração dos fluxos, Vigia e Marapanim mais uma vez se articulam com mais cidades também nessa variável conforme se observa abaixo:

Quadro 2 - Fluxos absolutos para trabalho principal e IIDTT para Vigia, Marapanim e São João de Pirabas 2010.

Destino Origem	Vigia		Marapanim		São João de Pirabas	
	Fluxo	IIDTT	Fluxo	IIDTT	Fluxo	IIDTT
Belém	231	0,16	226	0,16	-	-
Capanema	-	-	-	-	85	1,33
Castanhal	-	-	96	0,55	-	-
Curuçá	-	-	99	2,88	-	-
Igarapé-Açu	-	-	84	2,34	-	-
Salinópolis	-	-	-	-	176	5,11
Santo Antônio do	97	3,63	-	-	-	-

Tauá						
São Caetano de Odivelas	57	3,37	-	-	-	-
Terra Alta	-	-	33	3,21	-	-

Fonte: IBGE 2010

O que se observa é que, ainda que importantes nós da rede urbana do Nordeste paraense, como Belém (metrópole), Castanhal (centro sub-regional A) e Capanema (centro sub-regional B) se articulem às pequenas cidades, que são objetos de nossa análise, as maiores intensidades de relacionamentos se dão com as cidades próximas. Vigia que apesar de possuir interações com Belém (0,16) mantém intensidade de relacionamento mais forte com Santo Antônio do Tauá (3,63) e São Caetano de Odivelas (3,37); Marapanim mantém relações com Belém (0,16) e Castanhal (0,55), mas suas principais interações, nessa variável são com Curuçá (2,88) Igarapé-Açu (2,34) e Terra Alta (3,21); e, por fim, São João de Pirabas que mantém intensidade de relacionamento mais forte com Salinópolis (5,11), apesar de se articular com Capanema (1,33). Isso sugere ainda a importância das relações de contiguidade, ainda que o contexto das articulações por rede – onde os principais nós da rede urbana tendem a aprofundar sua centralidade – tenham relativizado as interações absolutas em favor das interações relativas, é notório ainda a importância do relacionamento das cidades do litoral do Salgado paraense entre si, seja do ponto de vista das relações heterárquicas como também de complementariedade de funções na rede urbana.

Importante destacar as interações pelos fluxos para *trabalho principal* entre Salinópolis e São João de Pirabas – ainda que tenhamos trazido no quadro apenas o fluxo da primeira em direção à segunda – pois trata-se dos fluxos que apresentaram os maiores IIDTT, onde Salinópolis recebe fluxos de São João de Pirabas com índice de 11,18 e São João de Pirabas recebe fluxos de Salinópolis em 5,11. É fundamental destacar que o índice em direção a Salinópolis é bem superior, pela própria infraestrutura existente na cidade que oferece muitos postos de trabalho para o setor de serviços e comércio, tendo em vista a alta temporada do turismo de veraneio onde encontra no município um dos principais destinos do estado do Pará, mas não podemos negar a complementariedade existente com o destino de fluxos no sentido contrário onde parte dos fluxos de Salinópolis encontra lugar em São João de Pirabas.

Foram apresentados, até então, dados de mobilidade de pessoas na rede urbana, seja para escola e creche e para trabalho principal, doravante iremos expor outro tipo de aspecto de relação entre as cidades na rede urbana, esta se dará pautada nas articulações empresariais e nas articulações de financiamento produtivo rural. Os dados obtidos na Junta Comercial do Estado do Pará

(JUCEPA) são referentes às empresas ativas no sistema, no ano de 2019, por isso não refletem inteiramente a realidade.

Quadro 3 – Empresas com sede em Vigia, Marapanim e São João de Pirabas presentes em outros municípios 2019.

Vigia		Marapanim		São João de Pirabas	
Belém	6 empresas	Belém e Igarapé-Açu	1	Ananindeua	2 empresas
São Caetano de Odivelas	3 empresas	-	-	-	-
Colares, Bragança e Santa Isabel	2 empresas	-	-	-	-
Ananindeua, Itaituba, Marituba, Igarapé-Miri, Castanhal, Santo Antônio do Tauá, Portel e Salvaterra	1 empresa	-	-	-	-

Fonte: Lista de empresas ativas na Junta comercial do estado do Pará (2019).

O quadro 3 mostra as empresas presentes em outros municípios com sedes nas cidades em análise, a intenção é ajudar a revelar algum grau de centralidade empresarial por essas pequenas cidades na rede urbana da qual fazem parte. Nesse escopo, o que se verifica é que Vigia possui maior influência nesse aspecto, além de se articular a Belém, chama a atenção mais uma vez pelas articulações estabelecidas com São Caetano de Odivelas e Colares, com duas empresas cuja sede se localiza em Vigia, enquanto isso é quase inexistente em Marapanim e São João de Pirabas a presença de sedes em seus espaços que possuem filiais em outras cidades, se não fosse o fato da segunda abrigar sedes de duas empresas que se localizam em Ananindeua, região metropolitana de Belém.

Um aspecto a se considerar é o cenário contrário, ao trazer os dados sobre as empresas que se localizam em Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, mas cujas sedes estão em outros municípios é possível verificar, mais uma vez, a importância dos principais nós da rede urbana do Nordeste paraense para essas pequenas cidades do litoral do Salgado, pois Belém possui 14 empresas em Vigia, Ananindeua 5, Castanhal 4, Santa Isabel 3 e Capanema 2. Por sua vez, Belém possui 5 empresas em Marapanim, Benevides, Castanhal e Curuçá possuem 2 empresas e Bonito, Inhangapí e Maracanã 2 empresas, cada; por fim, Capanema possui 2 empresas em São João de Pirabas, Salinópolis e Belém 2 e Almeirim, Igarapé-Açu e Primavera 1 empresa.

Ao analisarmos de perto esses dados é possível ver que as relações de Vigia estão muito mais ligadas à metrópole, uma vez que a maioria das empresas presentes em seu território são de lá. Marapanim, ainda que possua o maior número de empresas com sede em Belém, o seu número é bem menor que Vigia e deve-se levar em conta ainda a presença de empresas públicas que tem sua sede em Belém, por ser a capital do estado, dessa forma é importante considerar o papel de Castanhal com 2 empresas na cidade. No caso de São João de Pirabas a influência maior fica por conta de Capanema, centro regional mais próximo da cidade e que por isso tende a polarizá-la, nesse contexto.

A fim de corroborar com o argumento da importância dos principais nós da rede urbana para as pequenas cidades do litoral do Salgado foi realizado levantamento a respeito dos financiamentos rurais para os produtores desses três municípios, considerando a importância das atividades rurais para essa região. Dessa forma, nos últimos 10 anos todas as operações de crédito para financiamento rural para aplicação em Marapanim se deram em alguma agência do BASA na cidade de Castanhal, da mesma forma, para a aplicação do crédito em São João de Pirabas onde todos os contratos ocorreram na Cidade de Capanema e em Vigia onde as operações ocorreram em Belém e Ananindeua, com apenas dois contratos realizados em Castanhal dos mais de 900 ao longo dos 10 anos.

Uma breve análise do processo de acontecer da rede urbana que se prolonga às cidades do litoral do Salgado Paraense, a partir de suas interações espaciais, já demonstra a própria diversidade e complexidade das pequenas cidades por nós examinadas. Onde, Vigia que possui maiores articulações empresariais e relações importantes com Colares e São Caetano de Odivelas, mantém interações importantes com Belém, sendo centralizada principalmente pela metrópole.

Considerações Finais

Ao procurar analisar a inserção das pequenas cidades do litoral do Salgado paraense, principalmente, na rede urbana da Amazônia, pôde-se verificar que elas tiveram uma participação

marginal nos grandes eventos regionais, tendo sido inseridas de forma precária, o que acabou por contribuir para definição de sua particularidade, expressa nas dinâmicas que a cidade estabelece com a região.

De modo geral, verificou-se que a tendência à produção de cidades do meio técnico-científico e informacional, presente no contexto da globalização, não tem atingido de forma significativa, as cidades do Salgado paraense, que permanecem presas a uma divisão territorial do trabalho pretérita, com formas-conteúdo obsoletas. Foi possível observar ainda a forte presença hierárquica de cidades com funções regionais – Castanhal, Capanema e Igarapé-Açu – e da metrópole de Belém, no atendimento às demandas das pequenas cidades estudadas, bem como a configuração predominante de espaços de continuidade e contiguidade, onde é evidente a produção de solidariedades orgânicas e de redes mais horizontais.

Conforme se buscou argumentar as três cidades desse litoral do Salgado paraense apresentam algumas particularidades importantes para o entendimento de sua dinâmica: a localização geográfica entre o salgado (a costa) e a água doce (o rio), que faz com que as cidades apresentem uma socio economia relacionada a atividades econômicas inerentes ao extrativismo (pesca, a coleta de mariscos etc.), a agricultura camponesa (produção de farinha de mandioca), ao turismo e à segunda residência. Além disso, deve-se destacar uma diversidade de manifestações culturais, tais como, carimbó, marujadas, festas de santo etc.

Buscando observar mais de perto as interações espaciais das cidades do litoral do Salgado paraense, a partir da Vigia, Marapanim e São João de Pirabas, a pesquisa revelou através dos dados de fluxos de escola e trabalho (IBGE); de financiamentos rurais (BASA); e fluxos empresariais (JUCEPA) que essas cidades mantêm fortes relações com os principais nós da rede urbana (Belém, Castanhal, Igarapé-Açu e Capanema), principalmente de dependência, mas sobretudo ajuda a revelar as relações entre as próprias pequenas cidades do Salgado, onde observou-se articulações importantes entre Vigia-Colares-São Caetano de Odivelas/ Marapanim-Curuçá-Magalhães Barata-Terra Alta/ São João de Pirabas-Salinópolis. Essas relações entre as pequenas cidades são fundamentais, pois tendem a ser inviabilizadas nos estudos de interações entre as cidades, onde prevalece as escalas de polarização das cidades médias e metrópoles.

Por fim, a pesquisa trouxe mais uma contribuição para se pensar a diversidade territorial e urbana da Amazônia, indo ao encontro das análises realizadas por Trindade Jr. (2010) e Schor e Oliveira (2011) para outras porções da região. Por mais que se reconheça o esforço desses autores em apresentar essa diversidade regional, não se pode deixar de destacar que a realidade do litoral do salgado paraense ficou de fora das suas classificações, cujo olhar está voltado à Amazônia dos grandes rios (Solimões/Amazonas, Tocantins, Tapajós e Xingu). Neste sentido, é que um olhar

sobre as cidades do litoral do salgado paraense tornou-se de grande relevância, uma vez que procurou mostrar as particularidades da produção do urbano em realidades fluvio-estuarinas.

Referencias

BAENA, M. **Informações sobre as comarcas da província do Pará: organizadas em virtude do aviso circular do Ministério da Justiça de 20 de setembro de 1883.** [Belém]: Typ. F. da Costa Júnior, 1886. 228 p.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim estatístico da pesca e aquicultura.** Brasília: 2012. 129 pág. Disponível em <https://docplayer.com.br/9988846-Boletim-estatisticoda-pesca-e-aquicultura.html>.

CATELAN, M. J. **Heterarquia Urbana: Interações espaciais interescalares e cidades médias.** Presidente Prudente, SP: UNESP, 2012.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43-53, jan./jun. 1999.

_____. A periodização da rede urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, v.49, n.3, p.39-68, jul./set. 1987.

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. **América Latina: cidade, campo e turismo.** São Paulo: CLACSO, 2006.

ÉGLER, E. G. A Zona Bragantina no Estado do Pará. **Revista Brasileira de Geografia.** Ano XXIII, nº 3, 1961.

EL-ROBRINI, M.; ALVES, M. A. M. S.; SOUZA FILHO, P. W. M. e; EL-ROBRINI, M. H.; FRANÇA, C. F. Erosão e progradação do litoral brasileiro-Pará. In: DIETER, Muehe (Org.). **Erosão e progradação do litoral brasileiro.** Brasília: MMA, 2006, v., p. 41-46.

ENDLICH, Â. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná.** 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP, Presidente Prudente.

FRESCA, T. M. CENTROS LOCAIS E PEQUENAS CIDADES: diferenças necessárias. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, vol. 9, p. 75-81, 2010. Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil.

_____. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de geografia. **Geografia**, Londrina, vol. 10, n. 01, p. 27-34, jan/jun. 2001.

_____. **A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista.** 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

_____. **Região de Influência das Cidades.** Brasília: IBGE, 2008.

LOUREIRO, V. R. **Os parceiros do mar: natureza e conflito social da pesca da Amazônia.** 1983. 301 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campo, 1983.

OLIVEIRA, J. A. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia brasileira. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, 2004, Coimbra.

OLIVEIRA, M. V.; MANESCHY, M. C. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 9, p. 129-143, 2014.

RIBEIRO, W. O. **Interações espaciais na rede urbana do Nordeste do Pará**: particularidades regionais e diferenças de Bragança, Capanema e Castanhal. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), campus de Presidente Prudente.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. **A urbanização brasileira**. 5ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHOR, T; OLIVEIRA, J. A. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia Brasileira. **Acta Geográfica (UFRR)**. v.eesp, p.15 - 30, 2011.

TRINDADE JR., S. C. Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. **Papers do NAEA**, Belém, n. 321, dez. 2013.

_____. Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 7, p. 227-255, 2010.

_____. SILVA, M. A. P.; AMARAL, M. D. B. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. In: ____; TAVARES, Maria Goretti da Costa (Orgs.). **Cidades Ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008, P. 27-47.

ⁱ A respeito do turismo é importante destacar os investimentos nacionais e globais na rede hoteleira e de resort em Salinópolis (PA), voltadas para o turismo sol e praia, bem como para atender a demanda da classe média e alta da região, mas também investimentos mais regionais e locais, voltados para uma classe média baixa em outros municípios, tais como, Marapanim (Praia do Crispim e Marudá), Maracanã (Praia de Fortalezinha e Mocooca), Curuçá (Praia da Romana), São João de Pirabas (Rei Sabá), dentre outros. Além desses tipos de demanda turística, não se pode deixar de mencionar um turismo voltado para uma classe mais alternativa na praia de Algodual (Maracanã-PA).

ⁱⁱ A costa de mar aberto é caracterizada por apresentar praias de areia e dunas frontais, a costa estuarina se situam no interior das baías e se caracterizam por planícies de maré, onde ocorrem mangues e marismas (MINEROPAR, 2020).

ⁱⁱⁱ “São caracterizados por terrenos baixos quase horizontais, constituídos por sedimentos lamosos ricos em matéria orgânica com intensa bioturbação e fitoturbação, sob influência das marés (Silva Jr., 1998). São desenvolvidas nas baías estuarinas e recortadas por córregos e canais de maré. Os manguezais são bordejados por praias, estão presentes também na parte interna, junto aos *cheniers* e os depósitos arenosos das praias-barreira (*barrier-beach ridge*)” (EL-ROBRINI et al., 2006, p. 52).

^{iv} Deve-se destacar que essa atividade da pesca na região tem um forte enraizamento, sua produção tem sido realizada desde à época em que a ordem jesuíta se fazia presente na Amazônia, depois essa atividade foi se fazendo presente ao longo de toda a história regional, mesmo no contexto da Cia. De Comércio do Grão Pará e Maranhão, no boom da borracha e na integração nacional.

^v A influência de Vigia sobre São Caetano de Odivelas já estava presente no estudo das Regiões de Influência do IBGE (2007).